

Dança / Performance / Cinema

9, 10 de novembro 2012

Espetáculo integrado

no Festival Temps d'Images

LabOfilm&1: O Lamento da Branca de Neve de Olga Mesa

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest



Conceção, direção e coreografia Olga Mesa **Assistente de direção, vídeo e documentação** Marta Rodriguez
Corpos operadores Sara Vaz e Olga Mesa **Criação sonora** Jonathan Merlin
Dramaturgia e especialização de textos Francisco Ruiz Infante **Textos** Robert Walser e Olga Mesa
Criação de luz Christophe Renaud **Direção técnica** Ludovic Rivière **Colaboração vestuário** Pierre Boileau
Fotografia Susana Paiva/Pierre Mercier **Administração (Fr)** Natalie Ehsan-Ziah **Produção** Cie. Olga Mesa/Hors Champ - Fuera de Campo (Fr-Es); Off Limits, Madrid (Es)
Coprodução FRAC Alsace, Sélestat (Fr); Festival Citemor. Montemor-O-Velho (Pt); Pôle Sud - Scène Conventiennée pour la danse et la musique, Estrasburgo (Fr); Guimarães 2012 - Capital Europeia da Cultura (Pt); MNCARS - Museo Nacional Centro de Arte Reina Sofia, Madrid (Es) **Apoios** Ayudas a la Creación Contemporánea Matadero, Madrid 2009 (Es); AECID - Agencia Española de Cooperación Internacional para el Desarrollo (Es); INAEM - Instituto Nacional de las Artes Escénicas y de la Música (Es); ACA - Agende Culturelle d'Alsace (Fr)
Residência artística Atelier RE.AL **Agradecimentos** Equipa da RE.AL (Lisboa), Susana Paiva, Moritz, Equipa de FRAC Alsace, Association Autour de la Terre/Centre des Rives (Haute-Marne, Fr), ESAD de Estrasburgo (Fr), PMP/Pierre Mercier Productions, Lille (Fr), Jean-Luc Nancy, Estrasburgo (Fr), Equipa Off-Limits, Madrid (Es), Ziad Chakaroum (Madrid/Beirut), Enrique Martínez, Madrid (Es), Julio Torrecilla, Madrid (Es), Matias, Madrid (Es), Equipa do Festival Citemor (Pt), Guillermo Barbosa (Pt), Equipa da Culturgest e do Teatro Pradillo em Madrid.
A Companhia Olga Mesa & Hors Champ/Fuera de Campo é subsidiada pelo Ministère de la Culture et de la Communication/DRAC Alsace (Fr); Conseil Régional d'Alsace (Fr); La Ville de Strasbourg (Fr)

Na sexta-feira 9, a seguir ao espetáculo,
haverá uma conversa com os artistas na Sala 1.

Sex 9, sáb 10 de novembro
21h30 · Palco do Grande Auditório · Duração: 1h15 · M12

O Lamento da Branca de Neve é uma peça coreográfica e ao mesmo tempo uma experiência de montagem cinematográfica.

Nesta obra, Olga Mesa desenvolve a sua linguagem coreográfica graças aos jogos de enquadramento, aos cruzamentos de planos-contra planos e à montagem em direto. Esses procedimentos e esta gramática cinematográfica permitem-lhe propor ao público uma experiência única que adquire significado à medida que o espetáculo avança. A referência à Branca de Neve é evidentemente um dos motores do projeto, mas não se trata diretamente da Branca de Neve do conto dos irmãos Grimm, nem da de Walt Disney, cuja imagem está gravada no imaginário de todos nós. Aqui trata-se do escritor suíço Robert Walser, cujo poema em torno desta personagem inspirou o cineasta português João César Monteiro.

Ao longo da peça tudo é instável e as bailarinas/corpos operadores parecem mudar continuamente de lugar e de personagem. Por meio de um jogo de câmaras, os dois corpos operadores dançam com e em frente das câmaras de vídeo. Três câmaras: duas fixas e uma móvel que passa de um corpo operador ao outro. Vemos a claquete para sintonizá-las, provavelmente reconhecemos a voz de Pasolini que diz “motore”... Elas estão continuamente a gravar. E enquanto as suas objetivas estão umas vezes cobertas com uma tela negra, outras vezes pegadas ao corpo, o som continua a ser gravado sobre a imagem negra. Isto é o que o espectador pode ver. Noutros momentos percebe

que são os espaços que estão escondidos do seu olhar que estão a ser filmados, mas como desconhece a intenção última destas ações tudo parece estranhamente ritualizado, misterioso e enigmático.

Os gestos, os sons, os textos, as mudanças de luz, todos os elementos que constituem a dramaturgia do primeiro movimento do espetáculo, são vistos como um relato em que o espectador se apercebe da identidade frágil das personagens, da sua capacidade de se lançarem na animalidade, de passarem do amor ao ódio, até mesmo ao assassínio.

Perguntamo-nos quem é a Branca de Neve e quem é a Madrastra. Onde está o Príncipe, o Espelho, o Caçador? Qual a natureza das relações entre eles? O diálogo dos corpos operadores com o dispositivo vai desvendando memórias subterrâneas que convidam o público a entrar num caminho labirintico cheio de signos e de janelas abertas para outras histórias possíveis.

Poderíamos dizer que todo o espaço, com as suas reverberações luminosas e as suas ressonâncias, é mais uma personagem da peça. Uma personagem que se transforma lentamente, para acabar por ser a maquete de outro cenário maior em que está integrado o público e que se prolonga mesmo para lá do teatro.

Mas o primeiro movimento encontra uma resposta inesperada no segundo, quando se inicia a projeção do filme rodado. O espectador descobre então que tudo o que lhe foi mostrado no palco era o argumento de um filme que toma forma numa projeção tripla: um ecrã para cada uma das câmaras. E aqui,

agora, conta-se outra história, uma história ainda mais cruel, mais dramática, mais carregada de sentido. Como se a primeira parte da peça tivesse o objetivo de esconder aquilo que, na verdade, a fundamenta.

Nota de intenções

*Não há olhar sem um corpo.
Em labOfilm não há corpo sem uma
câmara a respirar e sentir ao seu lado.*

Com *O Lamento da Branca de Neve*, quero conhecer a matéria real dos sonhos; quero construir um sonho. Quero perder-me através de um espelho (não) visível e que o espectador se possa ver nele; que possa sentir o seu próprio tempo e ter a sua própria visão. Quero que possa recordar-se de que todos somos vítimas e algozes, seres humanos perdidos, frágeis, abandonados, mas também capazes de matar. Porque qualquer um de nós – como o caçador que interroga a Branca de Neve de Walsler –, poderia perguntar ao outro: “Pensas que queria matar-te?”

Com este *Lamento* quero que sejam visíveis, de longe, os diferentes planos narrativos da nossa Branca de Neve; a que se desperta com a memória da guerra e da infância, dizendo: “mais do que ver, prefiro escutar”. Quero morder às escuras a maçã envenenada, quero despertar do sonho e quero que voltemos juntos a outro princípio possível.

Olga Mesa

De 15 de novembro a 30 de dezembro,
no âmbito do Festival Temps d'Images,
na Plataforma Revolver

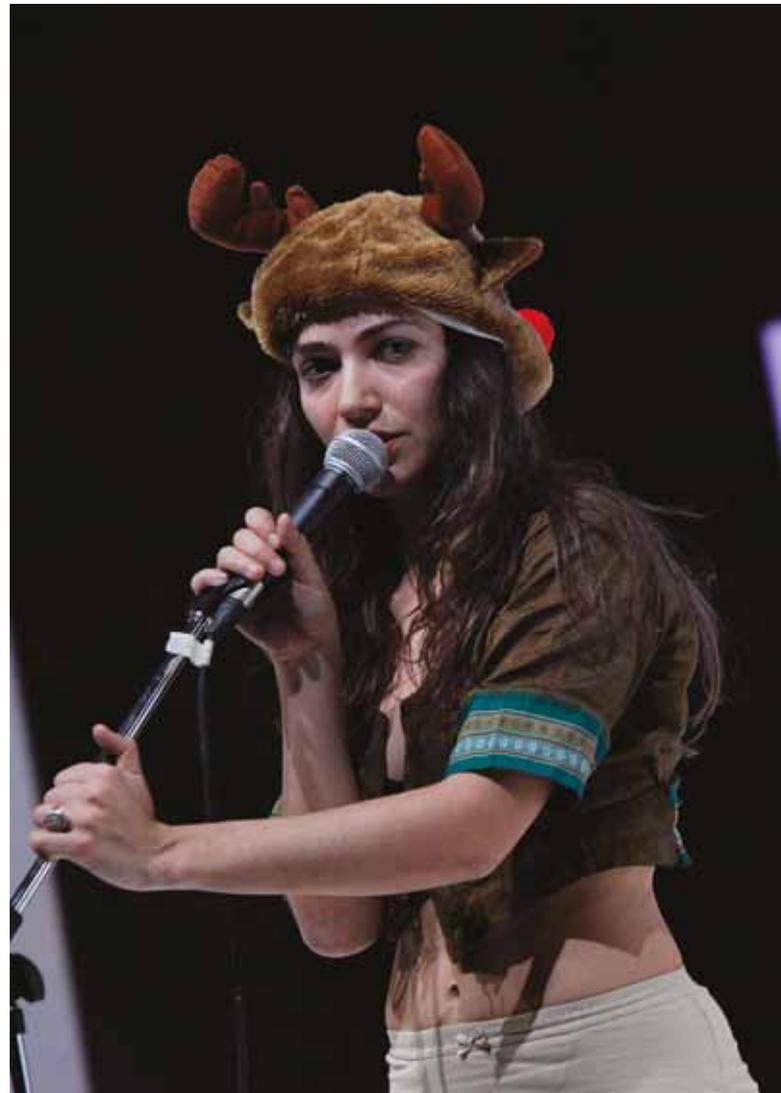
¿Achas que te queria matar? (y otros labOratórios)

de Olga Mesa

¿Achas que te queria matar? é um projeto de oficinas coreográficas (labOratorio/labOfilm&1) gerador de instalações evolutivas (dípticos audiovisuais iniciado em 2011 por Olga Mesa). A coreógrafa propõe a encenação do corpo Operador numa rotação. Num espaço labiríntico cheio de “fora de campo”, o corpo, a câmara, o movimento, o som e a voz, traduzem a relação do ser com o mundo, com a realidade e a ficção, com o visível e invisível, com a memória individual e coletiva.

Este corpo Operador não hierarquizado constrói a sua identidade abandonado a uma experiência de relevo e intercambio dentro do grupo, onde observar e ser observado será tão importante como acionar; e onde o outro será o lugar a partir do qual se irá construir uma memória comum.

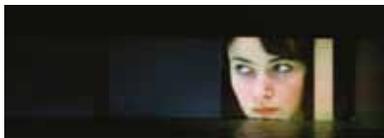
Plataforma Revolver, Rua da Boavista
84, 3º – Sala 5, 1200-068 Lisboa





Olga Mesa, coreógrafa e artista visual, nasceu em Avilés (Astúrias). A sua atividade destaca-se por ter trazido as artes visuais para o palco, criando uma linguagem íntima e pessoal que a tornou numa referência das artes performativas europeias. Fez da câmara sua cúmplice, conjugando a experiência do espaço/tempo e do olhar como questionador entre intérprete e espectador e convertendo o corpo em instrumento de visão, ao mesmo tempo sujeito e objeto. Uma parte da obra de Olga Mesa tem-se desenvolvido através de ciclos temáticos. O primeiro foi a trilogia do corpo *Res, non verba* (1996-1999), que se iniciou com *estO No es Mí CuerpO* (1996), reposto em 2001 no Théâtre de la Ville de Paris. Instalada em Estrasburgo desde 2005, artista residente no Théâtre Pole Sud, desenvolve, através de residências itinerantes, uma “dramaturgia da sensação”, deliberadamente na fronteira entre a dança, a escrita, a instalação audiovisual e a linguagem cinematográfica. Com *Más público, más privado* (2001-2006), que integra cinco criações, a coreógrafa centrou o seu trabalho na transmissão das ferramentas de escrita coreográfica e pensamento sobre o corpo, em colaboração com o intérprete. O seu projeto temático atual *labOfilm&1* – que interroga a relação do corpo com o dispositivo filmico tanto na cena como fora dela – estreou em março

de 2012 no âmbito de Guimarães 2012 – Capital Europeia da Cultura, onde Olga Mesa foi artista residente. As criações cénicas da companhia, bem como os seus laboratórios de investigação, têm sido apresentados em festivais e estruturas artísticas da Europa, América Latina, Estados Unidos e África. A companhia Olga Mesa celebra em 2012 o seu 20.º aniversário com um projeto editorial entre Portugal, França e Espanha sobre a trajetória da artista: *Olga Mesa y La Doble Visión*.



Sara Vaz nasceu em Lisboa, em 1979. Estudou na Escola de Dança do Conservatório Nacional, em Lisboa, e na Escola de Dança de Genebra, dirigida por Beatriz Consuelo. Em 1996 pertenceu ao Núcleo de Formação da Eira, dirigido por Francisco Camacho e Carlota Lagido. Em 2005 foi selecionada para o programa *ex.e.r.ce* do Centro Coreográfico de Montpellier (França), dirigido por Mathilde Monnier. Em 2006 foi convidada por Olga Mesa a participar no projeto laboratorial *El cuerpo próximo*, no Théâtre Pole Sud de Estrasburgo (França). É licenciada em Teatro – Ramo Atores pela Escola Superior de Teatro e Cinema. Criou o seu primeiro trabalho como coreógrafa-intérprete, *Odete-Odile*, em 2006, tendo-o apresentado em Portugal,

França e Espanha. Colaborou como bailarina com Francisco Camacho, Tânia Carvalho, David Miguel, Miguel Pereira, João Oliveira, Jean-Paul Buchieri, Monica Calle e Miguel Seabra, e com Olga Mesa na criação de *La Danse et son Double* em 2006. Colaborou como atriz em projetos cinematográficos de José Nascimento e de João Botelho. Em 2010 colaborou como assistente de corporalidades na obra *Quixote* da companhia de teatro O Bando, dirigida por João Brites. Professora da disciplina de Corpo no curso da ESAD, Caldas da Rainha, e na ACT: Escola de Atores, em Lisboa. Atualmente colabora com a coreógrafa Olga Mesa.



Marta Rodriguez trabalhou durante 12 anos como jornalista em vários órgãos de comunicação espanhóis, desenvolvendo a sua atividade em Espanha, Bolívia, Portugal e Brasil. (*Diario 16*, *La Voz de Galicia* e *Onda Cero*, entre outros). Em 2001 começou a colaborar na comunicação da Amnistia Internacional. Em 2003 entrou no projeto Medialabmadrid, um espaço de formação e exposição que alia a arte, o ativismo e a ciência, como responsável de comunicação e produção.

Entre 2004 e 2008 trabalhou para a Greenpeace, desenvolvendo campanhas

de comunicação nacionais e internacionais. Com uma delas, a campanha da moda sem tóxicos, foi finalista do European of the Year Award 2005. Trabalha desde 2009 como independente com várias estruturas, como o Festival Escena Contemporânea de Madrid e o Instituto Cervantes. Com este último, realizou a comunicação da Campaña El Día, que foi vencedora na categoria de comunicação dos European Excellence Awards. Uma parte importante do seu trabalho de comunicação tem sido a edição de catálogos de arte, informação científica e publicações educativas. Colaborou na produção de artistas como Fernando Sánchez Castillo, Olga Mesa e Daniel Miracle, e nas Jornadas de Arte Público Barrios, criando bairros no espaço Off Limits (Madrid). Participou com um projeto artístico para o coletivo C.A.S.I.T.A. na exposição *Mientras vivas en esta casa*, realizada Casa Miñana (Madrid). Participou no projeto expositivo *Casas y Calles* (Madrid). Desde 2008 realiza com a artista María Íñigo o programa de rádio *La armónica*, na Eskalera Karakola, casa ocupada de mujeres feministas y lesbianas. Em 2007 voltou a estudar, para formar-se em guião e direção de documentários, câmara, som e edição. Paralelamente, começa a realizar os seus primeiros vídeos, de que se destacam os que realizou para seis espaços alternativos de arte de Madrid, que foram apresentados no Instituto Cervantes da Jordânia. Desde 2010, com o coletivo HOLAestáshaciendounapeli, realiza filmes coletivos com apoio de diferentes estruturas, como a Fundación

La Caixa, a Fundación Antonino y Cinia e o Festival Mapa de Gerona (Es).



Jonathan Merlin descobriu o som quando realizava vídeos documentais em 2002. Durante vários anos dedicou-se à gravação de sons e de documentários sonoros. Em 2005 regressou aos estudos para se familiarizar com as ferramentas da edição e mistura de som. Desde então tem criado bandas sonoras para exposições, espetáculos, vídeos de artistas e filmes como *Ce que nous savons*, de Chloé Maillot e Louise Hervé, que foi apresentado no festival Némo /Forum des images Paris, e *La Pomme de Newton*, de Vincent Vizioz, apresentado no Festival de Cannes/ Semana internacional da Crítica e no festival de Clermont Ferrand. Realizou gravações e misturas musicais para artistas como Lucien Canibal (Bruxelas) e colaborou na construção de espaços sonoros para Olga Mesa no *Solo a ciegas (con lágrimas azules)* em janeiro de 2008. Em 2011-2012 participa em Berlim na rodagem de uma longa-metragem da realizadora portuguesa Filipa Freitas, uma produção de Paulo Branco.

Francisco Ruiz de Infante, artista basco “fora de formato”, pertence a uma geração cuja sensibilidade é marcada pelo encontro e pelo confronto das

máquinas audiovisuais de controlo e de divertimento com outros materiais aparentemente mais simples e quotidianos. Ruiz de Infante faz jogos de malabarismo sem complexos entre a “alta tecnologia” o “bricolage de emergência”, tentando reconstruir o modo como a memória funciona quando alimenta o presente: através de tentativas cheias de erros de informação, ou a partir de imagens e sons que recomeçam indefinidamente. Trabalha fundamentalmente nos terrenos do vídeo e da instalação audiovisual. No seu universo abundam espaços deslocados ou em estado de construção. Muitas vezes inquietantes, as suas obras submergem o espectador numa experiência física e mental intensa. Expôs projetos importantes em instituições como o Museu de Arte Moderna de Paris, o Museu Nacional Centro de Arte Rainha Sofia de Madrid, o Guggenheim de Bilbao, a Maison de l’Image, de Genève, a Blaffler Gallery de Houston, o ZKM de Karlsruhe, a Kunst-Halle de Bonn, o museu Carrillo Gil do México, La Panera de Lleida, a sala Metrónom de Barcelona, o Instituto Cervantes de Casablanca. Recentemente iniciou um ciclo de exposições e intervenções artísticas, *Ecosistemas BlueSky*, que se concretizam desde 2009 com projetos individuais ou coletivos na Argentina (Espacio Fundación



Telefónica e CCEBA de Buenos Aires), França (Nuit vidéo de Nancy, Atheneum de Dijon), Espanha (Artium de Vitoria-Gasteiz). No campo do vídeo monocal, dentro da sua extensa produção podem assinalar-se a longa-metragem *Los Lobos* (1995) e as curtas *Las Cosas Simples* (prémio descoberta do Festival du Nouveau Cinéma de Montreal 1993), *Colisiones sin titulo* (2001), *La Piedra de NY* (2005) e em 2009, *B.S.o.D. (Training attitude)*. Vários dos seus vídeos podem ser vistos na coleção do Centre Pompidou (Paris) e no Museo Reina Sofia (Madrid) entre numerosas outras coleções de museus e mediatecas internacionais. Atualmente realiza filmes evolutivos (*HolyBilis*, *CamposEventuales*, *Aprender a golpear*) e prepara uma nova longa metragem, assim como uma edição DVD de obras recentes. No terreno das artes do espetáculo, a colaboração (no sentido mais amplo do termo) com o coreógrafo Loïc Touzé (*Un Bloc*, 1997 e *S'il y a lieu*, 1999) e com o compositor Christian Sebille (2003) foram experiências necessárias para inventar relações mais complexas com o espectador. Licenciado em Pintura e Audiovisuais pela Faculdade do País Basco e mestre em multimédia pela ESNBA de Paris, é professor e coordenador do grupo de investigação em Arte Fora de Formato da Escola Superior de Arte de Estrasburgo e codiretor artístico de Le Centre des Rives (um laboratório de arte contemporânea e documental em contexto rural).



Ludovic Rivière formou-se em luminotecnia no Théâtre Saragosse du Pau (Dir.Michel Vincenot) em França, no contexto do seu programa de trabalho como objeto de consciência. Trabalhou depois como luminotécnico com os coreógrafos Laurent Pichau, Audrey Périn-Vindt, Clara Cornil, Rémy Héritier e Thiéù Thiéù Niang. Atualmente colabora como diretor técnico e como diretor de luzes com os coreógrafos Hélène Iratchet, Claudia Triozzi, Antonia Baehr, Nathalie Collantes, Laure Bonicel, Ivana Müller, Latifa Laâbissi, Martine Pisani e Olga Mesa. É interprete na obra *Référentiel bondissant* (2005), do coreógrafo francês Laurent Pichaud, e em *As far as the eye can hear* (2010), da coreógrafa francesa Martine Pisani.



Culturgest, Espaço CarbonoZero®

A compensação das emissões de carbono decorrentes da utilização dos espaços da Culturgest, localizados no Edifício Sede da Caixa Geral de Depósitos, está integrada na estratégia do Grupo para o combate às alterações climáticas. Esta iniciativa enquadra-se num conjunto mais alargado de ações, que vão desde a inventariação das emissões associadas ao consumo de energia e ao tratamento dos resíduos produzidos nas instalações, à implementação de medidas de eficiência energética para redução das emissões. Com efeito, tem-se vindo a assistir a uma redução das emissões de carbono observando-se um decréscimo progressivo de cerca de 35% face a 2008. Esta é uma redução com tendência a acentuar-se com a implementação de um conjunto de medidas adicionais, estando prevista

uma redução total de 16 500 kWh/ano, o equivalente a cerca de 220 viagens de carro Lisboa-Porto.

Apesar de contribuírem para a redução das emissões de carbono, estas ações não são suficientes para evitar por completo estas emissões. Assim, as restantes emissões são compensadas através da aquisição de créditos de carbono provenientes de um projeto tecnológico localizado no Brasil e que cumpre os requisitos Voluntary Carbon Standard (VCS). A compensação das emissões inevitáveis da Culturgest constitui, assim, uma internalização da variável carbono decorrente da utilização dos seus espaços e contribui, igualmente, para a meta de neutralidade carbónica expressa no Programa Caixa Carbono Zero.

Mais informações em:
[www.cgd.pt/Institucional/
Caixa-Carbono-Zero](http://www.cgd.pt/Institucional/ Caixa-Carbono-Zero)



Próximo espetáculo

Trio Reijseger, Fraanje, Sylla

Música Qui 15 novembro

Grande Auditório · 21h30

Duração aproximada: 1h20 · M3



© Alessandra Freguja

Violoncelo Ernst Reijseger Piano Harmen
Fraanje Voz, M'birra, Xalam, Kongoma Mola Sylla

Foi em 2008, em Triburg, na Holanda, que este trio se apresentou pela primeira vez ao público. Apesar do concerto estar combinado com um ano de antecedência, por uma série de circunstâncias aziagas os músicos subiram ao palco sem terem feito um único ensaio prévio. Improvisaram de acordo com um programa pré-determinado. E deu-se o milagre!

Ernst, Harmen e Mola tocaram juntos como se já partilhassem uma vida inteira de amizade musical. Reijseger e Mola Sylla vinham a colaborar há anos, mas aquele trio era para todos uma verdadeira surpresa. Os músicos e o público tiveram a experiência de um concerto esmagador, cheio de alegria, de ritmo. A música era de tal modo brilhante, emotiva, exultante, que o trio entrou em digressão internacional desde então, tocando por todo o lado.

Reijseger é um dos maiores violoncelistas da atualidade, um mestre

na improvisação. Participa e dirige vários projetos, no jazz, na música improvisada e na música do mundo. Impressionante é vê-lo e ouvi-lo tocar o violoncelo, deitado no seu colo, como se fosse uma guitarra.

Mola Sylla é um músico e cantor senegalês que utiliza a sua língua materna, o wolof, exímio no domínio dos instrumentos tradicionais do seu país, com uma larga carreira internacional. Harmen Fraanje, apesar de jovem, é um pianista de jazz com grande currículo e requintada sensibilidade.

A música que estes criadores de exceção produzem, utilizando uma combinação de instrumentos única, vai buscar a sua força às canções tradicionais africanas, mas também a temas compostos por Ernst e Harmen. Um concerto entusiasmante, cheio de ritmo, de melodia, de beleza e de humor, a não perder absolutamente.

Conselho de Administração

Presidente

Fernando Faria de Oliveira

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel dos Santos Arada

Pietra Fraga

Luísa Fonseca

estagiária

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Rui Osório de Castro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blazquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de direção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

coordenador

Paulo Abrantes

Ricardo Guerreiro

Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo chefe

Nuno Alves

Maquinaria de Cena

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Ana Luísa Jacinto

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 - Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt - www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo

ATELIER
REAL